

# Boatos marcam a vitória de Chico

Tanto no Palácio do Buriti como entre os integrantes das várias correntes do PT, o *disse-me-disse* espalhou-se logo que acabou a eleição da executiva regional do partido que deu a vitória a Chico Vigilante por apenas três votos: Chico teria conquistado votos de uma facção do partido chamada *Agrupamento em Defesa do PT* e oferecido em troca uma administração regional.

Pelo menos três integrantes, de três grupos diferentes dentro do PT, e que estavam presentes à eleição, confirmaram ao **Correio Braziliense**, em conversas informais, a possível barganha de votos. Vigilante teria oferecido ao então membro da executiva-regional do partido e líder do *Agrupamento*, Clayton Avelar, a garantia de que conseguiria tirar o administrador do Guará, Alírio Neto, que é do PPS, em troca dos dez votos (o suficiente para derrotar Maria Laura). Clayton estaria reservando o lugar de Alírio Neto a seu amigo pessoal, José Carlos de Matos, que também é ligado ao *Agrupamento em Defesa do PT*.

Procurados pelo jornal para falar sobre a denúncia, os três citados —

Vigilante, Clayton e José Carlos — negaram terminantemente qualquer tipo de barganha: “Quem te disse isso é um canalha. E um dos dois vai ter que sair do partido, ou ele ou eu”, chegou a ameaçar o deputado Chico Vigilante.

Clayton Avelar disse que “essa história é mentirosa”: “O Agrupamento tinha 22 delegados e nenhum deles votou no Chico Vigilante”, assegurou. José Carlos de Matos também negou a acusação, mas desmentiu Clayton: “O Agrupamento não pediu que nenhum delegado seu votasse no Chico, mas é certo que algumas pessoas o fizeram, inclusive eu. Eu votei no Chico”, disse José Carlos ao **Correio** na tarde de terça-feira.

Ninguém no governo quis comentar a denúncia: nem a vice-governadora, Arlete Sampaio, nem o secretário de governo, Swedenberger Barbosa, muito menos o governador Cristovam Buarque. A resposta de todos: só falariam a respeito se a denúncia fosse comprovada. Até a deputada Maria Laura, que perdeu a eleição para Vigilante, não quis tocar no assunto: “Não acredito que isso tenha acontecido”, limitou-se a dizer. (AB e LA)